



Notas sobre o desenho da vila cearense setecentista: sítio, traçado urbano e arquitetura religiosa.

EIXO TEMÁTICO: “OUTRAS” HISTÓRIAS?

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro

Professor associado do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará.

clovisjuca@gmail.com

RESUMO

No processo de instalação das vilas portuguesas em território brasileiro, em nosso caso na Capitania do Ceará, observa-se uma interrelação entre as preexistências naturais do sítio, o traçado urbano e o lugar de implantação da arquitetura religiosa. A escolha do sítio de implantação não foi aleatória. Foram escolhidos lugares que possuíam alguma importância econômica e geopolítica na conquista. A escolha não prescindia das preexistências naturais: baías, enseadas, rios, riachos, montanhas, vales. No Ceará, o Estado português elevou à condição de vila, núcleos preexistentes em sítios outrora ocupados por povos originários e pelos primeiros colonizadores. As vilas foram fundadas às margens dos rios da Capitania, no sopé ou no alto das serras férteis. O sítio, enquanto base geográfica para implantação dos núcleos, é um fator inquestionável como definidor da produção do traçado urbano no contexto português. Já os lugares de construção da arquitetura religiosa devem ser pensados em estrita sintonia com o traçado e as preexistências naturais.

PALAVRAS-CHAVE: Ceará, preexistências naturais; traçado urbano; arquitetura religiosa; século XVIII.

ABSTRACT

In the process of installing Portuguese villages in Brazilian territory, in our case in the Captaincy of Ceará, there is a complete interrelationship between the natural pre-existences of the site, the urban layout and the location of the churches. The choice of the implantation site was not random. Places that had some economic and geopolitical importance in the conquest were chosen. The choice did not exclude natural pre-existences: bays, coves, rivers, streams, mountains, valleys. In Ceará, the Portuguese State elevated pre-existing centers in sites once occupied by original peoples and the first colonizers to the status of village. The villages were founded on the banks of the Captaincy's rivers, at the foot of or at the top of the fertile mountains. The site, as a geographical base for the

implementation of the centers, is an unquestionable factor that defines the production of urban layout in the Portuguese context. The construction sites of religious architecture must be designed in strict harmony with the layout and natural pre-existences.

KEY-WORDS: Ceará, natural pre-existences; urban layout; religious architecture; 18th century.

RESUMEN

En el proceso de instalación de aldeas portuguesas en territorio brasileño, en el nuestro en la Capitanía de Ceará, existe una completa interrelación entre las preexistencias naturales del sitio, el trazado urbano y la ubicación de las iglesias. La elección del lugar de implantación no fue aleatoria. Se eligieron lugares que tuvieron cierta importancia económica y geopolítica en la conquista. La elección no excluyó las preexistencias naturales: bahías, calas, ríos, arroyos, montañas, valles. En Ceará, el Estado portugués elevó a la categoría de aldea centros preexistentes en lugares alguna vez ocupados por los pueblos originarios y los primeros colonizadores. Los pueblos fueron fundados a orillas de los ríos de la Capitanía, al pie o en la cima de las fértiles montañas. El sitio, como base geográfica para la implementación de los centros, es un factor incuestionable que define la producción de trazado urbano en el contexto portugués. Las obras de construcción de arquitectura religiosa deben diseñarse en estricta armonía con el trazado y las preexistencias naturales.

PALABRAS CLAVE: Ceará, preexistencias naturales; trazado urbano; arquitectura religiosa; siglo XVIII.

A FUNDAÇÃO DAS VILAS NA CAPITANIA DO CEARÁ, 1700 - 1822.

O artigo discorre, em linhas gerais, sobre a relação entre as preexistências naturais do sítio das vilas fundadas pelos portugueses em território cearense, o traçado urbano e os lugares da arquitetura religiosa.

De 1700 a 1822 foram fundadas 18 vilas na Capitania do Ceará (Jucá Neto, 2012, 2012a): Vila do Aquiraz (1700); Vila de Fortaleza (1726); Vila de Nossa Senhora da Expectação do Icó (1736); Vila de Santa Cruz do Aracati (1748); Vila Real de Messejana (1758); Vila Real do Soure – atual Caucaia (1759); Vila Real de Arronches – atual Parangaba (1759); Vila Viçosa Real (1759); a Vila de Monte-Mor o Novo da América – atual Baturité (1764); Vila Real do Crato (1764); Vila Real do Sobral (1773); Vila Real de Granja (1776); Vila de Campo Maior de Santo Antônio do Quixeramobim (1789), Vila Nova Del Rei – atual Guaraciaba do Norte (1791); Vila de São Bernardo de Russas (1801); Vila de São João do Príncipe – atual Tauá (1802); Vila de Jardim (1816) e Vila de Lavras da Mangabeira (1818). Dentre estas vilas, Soure, Arronches,

Messejana, Monte-Mor o Novo da América, Viçosa Real e Crato foram vilas de Índios. As demais, vilas de brancos.

A ESCOLHA DO SÍTIO DE INSTALAÇÃO

Como no restante do território brasileiro, a escolha do sítio de instalação das vilas cearenses não foi aleatória. Foram escolhidos lugares de fixação que possuíam alguma importância econômica e geopolítica na conquista. A escolha não prescindia das preexistências naturais: baías, enseadas, rios, riachos, montanhas, vales. No Ceará, o Estado português elevou à condição de vila, núcleos preexistentes em sítios outrora ocupados por povos originários e pelos primeiros colonizadores. Estes núcleos estavam localizados no entorno da sede de fazendas de gado, nos lugares de antigos aldeamentos indígenas ou em locais de incipiente comércio, situados nas margens dos rios, no alto ou no pé de alguma serra, defronte uma pequena enseada, no caso da vila de Fortaleza.

AS PREEXISTÊNCIAS NATURAIS E OS SÍTIOS.

Como preexistência natural, os rios desempenharam um papel fundamental no processo de ocupação e fixação do território pela atividade da pecuária. A pecuária atribuiu sentido econômico à ocupação territorial cearense (Jucá Neto, 2012). As vilas de brancos foram instaladas em pontos estratégicos nos caminhos das boiadas, no cruzamento de caminhos, nas antigas trilhas indígenas, que seguiam e cruzavam as margens dos principais rios e riachos.

A Vila de Santa Cruz do Aracati foi implantada às margens do Rio Jaguaribe, na Estrada Geral do Jaguaribe, a 15km de sua foz, onde já via um comércio estabelecido de derivados do gado (figura 01, 02). O Rio Jaguaribe banha 2/3 do território cearense. A vila de Nossa Senhora da Expectação do Icó situava-se nas margens do rio Salgado, em um braço da Estrada Geral do Jaguaribe (figura 03). No cruzamento entre esta Estrada e a Estrada das boiadas que ligava o Icó à região do Inhamuns, onde também já havia alguma atividade comercial. A Vila Real de Sobral foi instalada no cruzamento da Estrada Nova das Boiadas com o rio Acaraú, à sombra da fazenda Caiçara, próxima à Serra da Meruoca (figura 04).

Nas proximidades, no pé ou no alto das serras húmidas do território, as vilas de índios foram instaladas. Tais preexistências naturais eram sinônimas de áreas agriculturáveis. É possível conjecturar que a escolha destes lugares para fixação implicava na possibilidade de uma maior rentabilidade da mão de obra indígena, tido como “bárbaros” pela Coroa portuguesa.

A Vila Real do Crato foi fundada no sopé da Chapada do Araripe, no lugar de um antigo aldeamento indígena, a Aldeia de Miranda (figura 05). A Chapada do Araripe situa-se ao sul do Estado, na divisa com Pernambuco. O engenheiro português Silva Paulet escreveu sua *Descrição Geográfica da Capitania do Ceará* (Paulet, 1997). O profissional asseverou que o Crato era a “mais produtiva [vila] por estar situada nas fraldas da Serra Grande, ali denominada de Araripe, aonde há muitas vertentes, mais ou menos abundantes”. Em 1838, o naturalista inglês George Gardner (1957), apontou que a Vila Real do Crato distava da Chapada do Araripe “de legua e meia a duas léguas”, de onde “brotam numerosas fontes” de água.

A Vila de Monte-mor o Novo da América (atual Baturité) foi criada aos pés do Maciço de Baturité, no lugar da antiga Missão da Palma (figura 06). O Maciço de Baturité encontra-se no sertão central do Ceará. Freire Alemão (2011, p. 446), médico e chefe da Comissão Científica que percorreu o Ceará entre 1859 e 1861, ficou “surpreendido ao ver o alto da serra de Baturité”. Registrou, maravilhado, a visão de “uma vastíssima esplanada, toda erizada de montes, bem semelhante à nossa grande serra do Mar”, com “água corrente pelas quebradas, ar fresco e saudável”. A Vila Real de Viçosa do Ceará fora estabelecida na Missão da Ibiapaba, no alto da serra da Ibiapaba, na divisa do Ceará com o Piauí. Na serra da Ibiapaba, Freire Alemão presenciou as “mais belas proporções para uma boa habitação do homem e para o desenvolvimento industrial, pela amenidade de seu clima, pela bondade das águas e pelas forças produtivas do terreno” (Freire Alemão, 2011, p. 351).

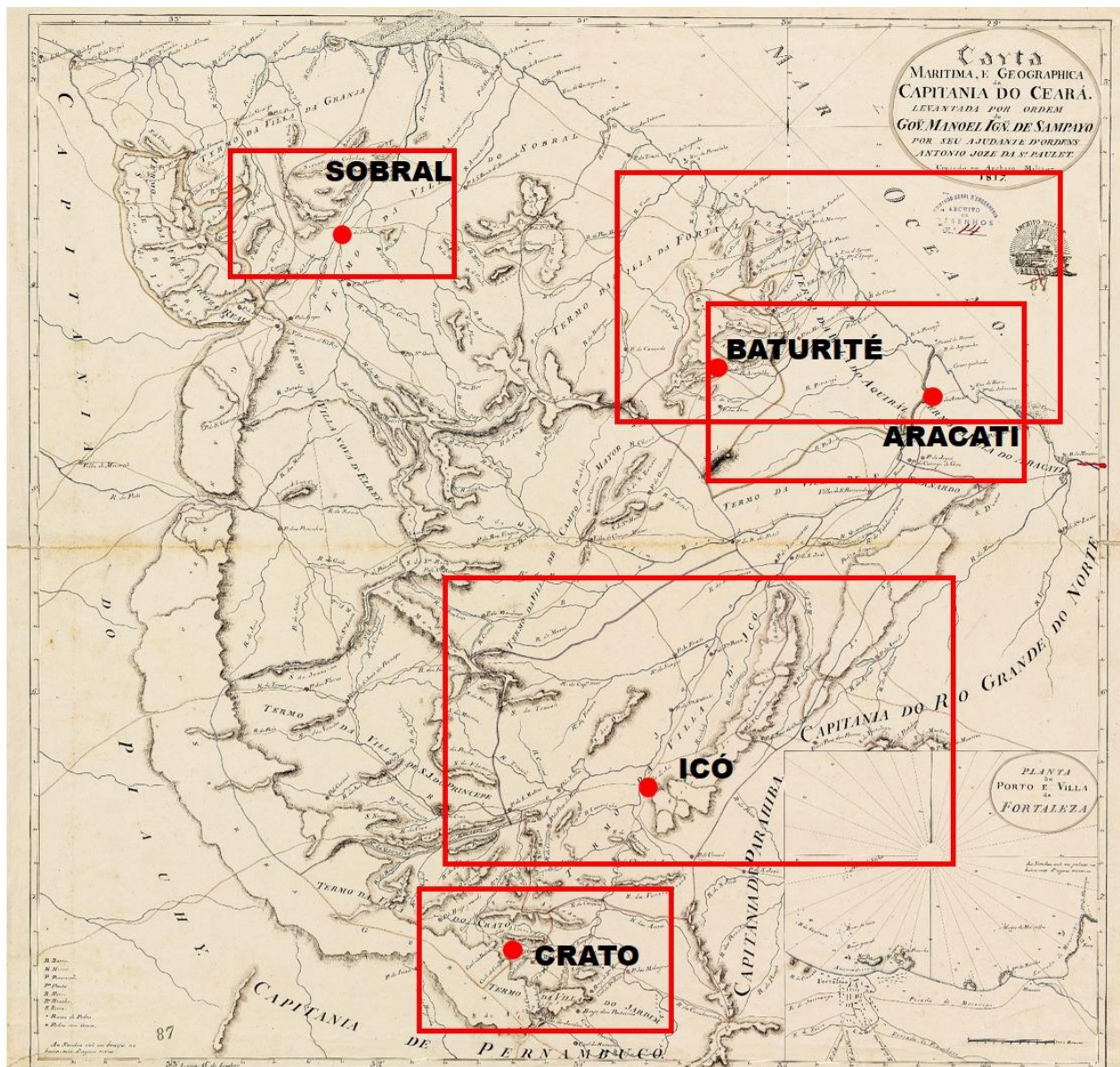
No início do século XIX, Barba Alado de Menezes, governador da Capitania do Ceará de 1808 a 1811, em sua *Memória sobre a Capitania Independente do Ceará* (1997), registrou que a Vila do Soure situava-se a “oeste do rio Ceará, em distância de legoa e meia da sua barra” (Menezes, 1997, p. 12); a Vila de Messejana achava-se a distância de três léguas da “serra do Juá e a duas do Camará aonde os índios costumão plantar a sua mandioca, algodão e legumes”; as serras de Maranguape e Jararahú refrigeravam a Vila de Arronches (Menezes,

1997, p. 43); e a região serrana no entorno da Vila de Monte-mor o Novo D'América produzia “preciosos gêneros, madeiras, muitos vegetais e estimação e ricos minerais” (Menezes, 1997, pp. 44-45).

As vilas de índios do Crato, de Vila de Monte-mor o Novo da América (atual Baturité) e Real de Viçosa estavam situadas em significativos biomas serranos no território cearense: a Chapada do Araripe, o Maciço de Baturité e a Chapada da Ibiapaba. O espaço intraurbano das três vilas era marcado pela visão exuberante das serras. Quanto à escolha de seus lugares, no pé ou no alto de serras, consideramos que essas regiões, com relevo acidentado e mata fechada, eram de difícil acesso e constituíram-se, desde longas datas, como áreas de refúgio indígena frente à conquista portuguesa. Também a fertilidade dessas zonas serranas nos sertões do Ceará deve ter condicionado a escolha dos sítios dos aldeamentos, posteriormente transformados em vilas. Eram terras férteis, facilmente agriculturáveis em meio aos sertões.

Também algumas Vilas de brancos situavam-se no entorno de elevações. Em agosto de 1836, o inglês Gardner (1975, p.87) deixou o Aracati em direção ao Icó. Lá chegando, viu uma vila localizada em uma vasta planície, limitada ao “leste pela Serra de Pereira e ao oeste por uma cadeia de montes bem mais baixos”.

Figura 01 – Carta Marítima e Geográfica Capitania do Ceará – José da Silva Paulet – 1817



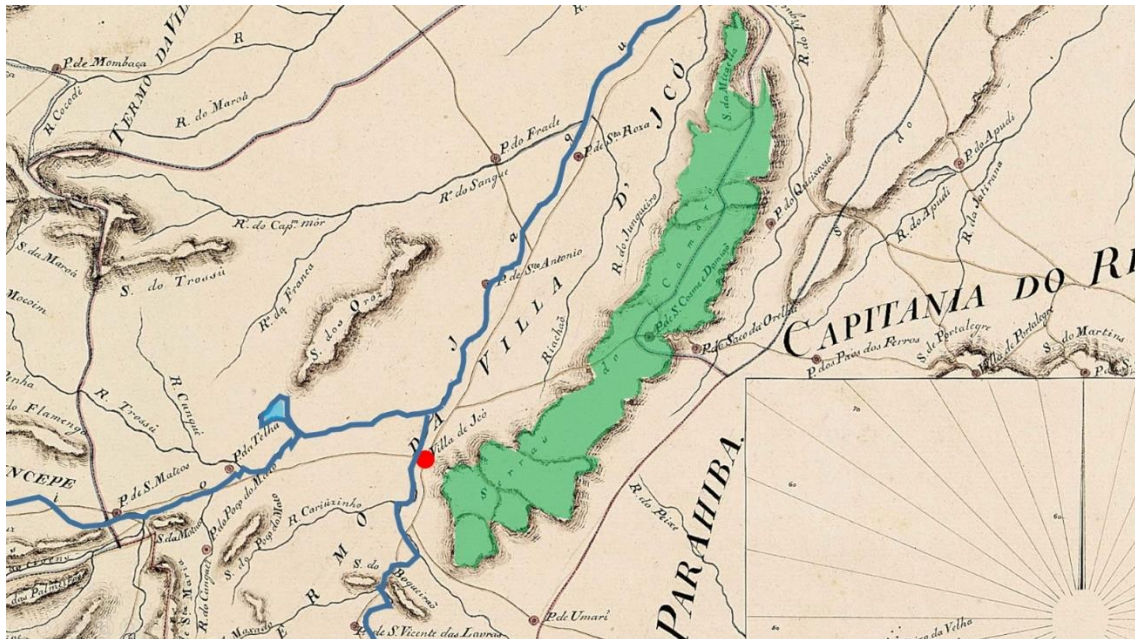
Fonte : Jucá Neto, 2012.

Figura 02 – Vila de Santa Cruz do Aracati – Rio Jaguaribe



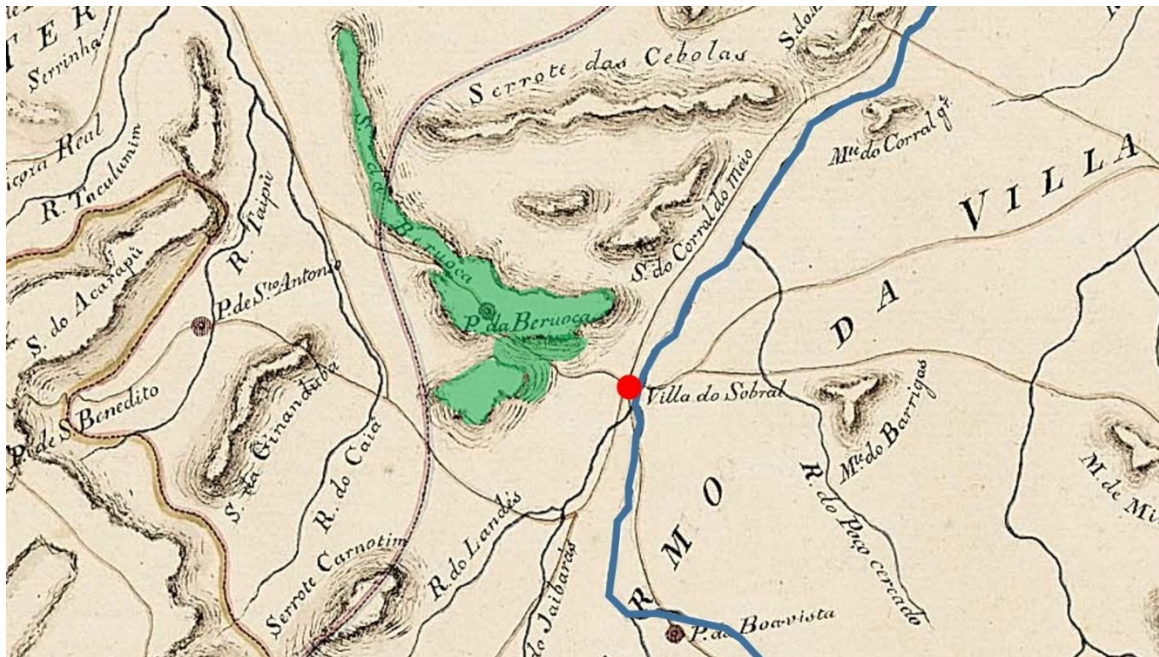
Fonte: Carta da capitania do Ceará levantada por ordem do governador Manoel Ignácio de Sampaio. **Fonte:** Jucá Neto, 2012. **Reconstrução gráfica** Arq, Herbert Rocha.

Figura 03 – Vila de Nossa Senhora da Expectação do Icó – Rio Salgado, Jaguaribe e serra do Camará.



Fonte: Carta da capitania do Ceará levantada por ordem do governador Manoel Ignácio de Sampaio. **Fonte:** Jucá Neto, 2012. **Reconstrução gráfica** arq, Herbert Rocha.

Figura 04 – Vila Real de Sobral – Rio Acaraú, serra da Meruoca e Rosário.



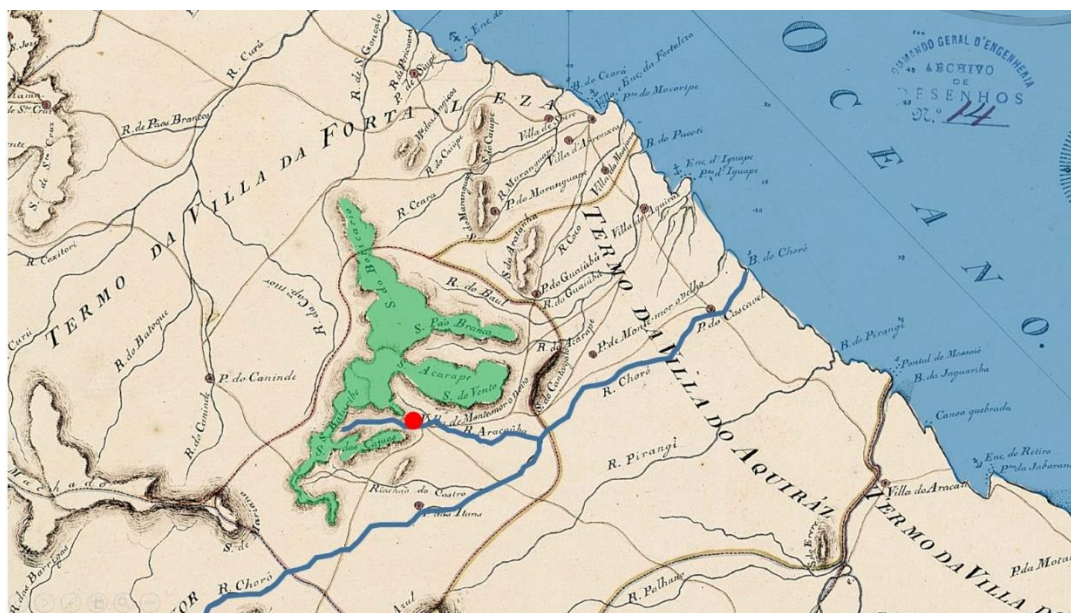
Fonte: Carta da capitania do Ceará levantada por ordem do governador Manoel Ignácio de Sampaio. **Fonte:** Jucá Neto, 2012. **Reconstrução gráfica** arq, Herbert Rocha.

Figura 05 – Vila Real do Crato – Chapada do Araripe, rio Salgado, córregos do Granjeiro e dos Batateiros



Fonte: Carta da capitania do Ceará levantada por ordem do governador Manoel Ignácio de Sampaio. **Fonte:** Jucá Neto, 2012. **Reconstrução gráfica** arq, Herbert Rocha.

Figura 06 – Vila de Monte-Mor o novo d'américa (Baturité) , rio Aracoiaíba.



Fonte: Carta da capitania do Ceará levantada por ordem do governador Manoel Ignácio de Sampaio. Fonte: Jucá Neto, 2012. Reconstrução gráfica arq, Herbert Rocha.

AS CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO E O TRAÇADO DA VILAS.

Como no restante do império português, as características do sítio contribuiu para o desenho do traçado urbano das vilas cearenses. Refletindo sobre a forma urbana dos núcleos portugueses nas dinâmicas do Império, Sérgio Padrão Fernandes (2015, p. 56) assevera que a “observação do sítio enquanto suporte para implantação de cidades, permite definir um primeiro ponto de situação sobre a produção do traçado urbano no contexto português”. Demonstra a “valorização do relevo como preexistência e a sua confirmação como algo permanente e eterno na forma urbana” (Fernandes, 2015, p. 56).

No alvorecer do século XIX, o traçado da vila de Santa Cruz do Aracati, fundada em 1736, era constituído por uma longa via paralela ao rio Jaguaribe, tendendo a regularidade, com quadras alongadas cortadas por becos e travessas. Os documentos fundacionais da Vila apregoavam que o núcleo fundado deveria “facear” o rio.

Em dezembro de 1810, o inglês Henry Koster visitou o Aracati (2003, p.167/168). Segundo o visitante, a Vila consistia “principalmente n’uma longa rua, com varias outras de menor

importância”. Esta longa rua achava-se paralela ao rio Jaguaribe. O botânico inglês George Gardner esteve no Aracati em julho de 1836. Segundo Gardner (1975, p. 81), a Vila resumia-se “quase só de uma rua longa e larga”, com “quatro belas igrejas” e casas, com “geralmente [...] dois andares”, construídas em sua grande maioria com “um madeiramento feito de troncos de carnaúba e com espaços tapados com tijolos”. O visitante acrescentou que o tronco da carnaúba era usado para outros fins, como a construção de currais para o gado. Além disso, suas folhas eram utilizadas como albardas, chapéus e para fabricação de cera. A vila era abastecida com “água de qualidade tolerável, vinda de um poço perto da cidade”. Segundo o Inglês, porém, aquela situação mudaria em breve, pois um morador da Vila, chamado Maia, proveniente de Gibraltar desde muitos anos, tendo obtido uma concessão do Governo, construía “um canal de tijolo para a água, mais a nascente”, certamente com o intuito de lucrar com o abastecimento do Aracati com uma água de melhor qualidade. Até então, a água da fonte mais próxima consumida era “vendida pelas ruas em pequenos carrinhos quase sempre puxados por carneiros”. Além de apontar o traçado constituído por uma longa rua paralela ao rio, impressionaram George Gardner as inundações decorrentes das cheias do Jaguaribe. Mesmo tendo estado no Aracati no final da estação chuvosa, o botânico afirmou que nos períodos de chuvas o Jaguaribe alcançava “doze pés acima do nível comum”, inundando toda a cidade.

O mesmo pode ser observado na vila de Nossa Senhora da Expectação do Icó, fundada às margens do rio Salgado em 1748, afluente do rio Jaguaribe, em um tronco da Estrada do Jaguaribe. O relato do Governador Luiz Barba Alardo de Menezes (1897), no ano de 1814, enfatiza o fato da vila está disposta às margens do Rio Jaguaribe. Afirma que a Vila situava-se na “margem de leste do rio Jaguaribe, em distância de quarenta legoas da Villa de São Bernardo [Russas] para o sul e oitenta ditas para capital [Fortaleza]”. Considerou o núcleo o mais reputado, o mais antigo e o mais comerciante dos sertões cearenses”.

O núcleo consistia basicamente de “três ruas principais”, cortadas por outras menores (Jucá Neto, 2012). A principal rua era larga. Segundo o naturalista George Gardner (1957), a rua possuía “algumas lojas bem sortidas”. As casas da Vila eram feitas de tijolos, “por não se encontrar nos arredores madeira de dimensão suficiente”. Com a exceção de meia dúzia de

casas, as demais eram térreas e caiadas. A Vila possuía quatro igrejas, “um sólido cárcere” e um mercado onde se vendiam “carne verde, carne seca, farinha, sal, rapadura, abóboras, abacaxis, melões, melancias, laranjas e limas”. Todas as frutas eram trazidas, ainda segundo o viajante inglês, de longe, pois nos arredores da Vila nada era produzido, “salvo no tempo das águas, que dura apenas quatro meses”. Julgando pelo seu leito, o rio Ihe parecia ser bastante largo no período de chuvas. Durante sua visita, ele encontrava-se “seco em muitos lugares, apresentando apenas, aqui e ali, profundos poços, abundantes de variadas espécies de peixes”. A imagem que fica da descrição do Governador Barba Alado e do viajante Gardner foi a de um traçado urbano constituído por três ruas correndo no sentido norte sul paralelas ao Rio Jaguaribe, cortadas por outras menores no sentido leste oeste. Diretamente paralela ao rio Jaguaribe, uma ampla rua, hoje chamada de rua Larga, onde se acham a Igreja Matriz e a Casa de Câmara e Cadeia. Paralela à rua Larga, em direção ao poente, isto é, na direção contrária ao rio, há uma rua anteriormente chamada de Grande ou Imperial, hoje rua Ilídio Sampaio. Entre estas duas ruas, atualmente, situa-se a rua do Meio. Estas ruas eram cortadas por travessas.

A Vila Real de Sobral foi implantada às margens do rio Acaraú. Diferentemente das vilas do Aracati e do Icó, o traçado de Sobral não se encontra paralelo ao rio. O traçado da vila é perpendicular ao rio Acaraú, entre suas margens e a serra da Meruoca.

No século XVIII, Sobral apresentava “um desenho espontâneo, sem o apelo geométrico da urbanística portuguesa”, afirma Rocha (2017, p. 28). O autor acrescenta que “a espontaneidade do desenho antecedeu o ordenamento” do traçado oitocentista. Ainda segundo Rocha, o “povoado desenvolveu-se à barlavento dos currais que circundavam a gangorra na primeira metade do século XVIII”. “No terceiro quartel do setecentos”, foram construídas as “duas principais igrejas de Sobral – a Matriz do Curato de N. S. da Conceição e a capela de N. S. do Rosário dos Pretinhos.”

Para o autor “os primeiros arruamentos se formaram em função das necessidades de deslocamentos diários dos moradores, ao longo da Estrada da Caiçara – balizada entre a *Cruz das Almas* e as pedras da *Fortaleza* – e do caminho para a Serra da Meruoca”, que partia da

“gangorra passando pela vizinhança do Rosário e pela Lagoa do Junco”. A “gangorra foi o ponto de articulação das vizinhanças das igrejas Matriz e do Rosário até o início do século XIX”.

AS EDIFICAÇÕES RELIGIOSAS E O DESENHO DAS VILAS.

As edificações religiosas não estavam situadas aleatoriamente no traçado das vilas de branco tampouco em relação às preexistências naturais. No Aracati e no Icó, os edifícios encontravam-se nas cabeceiras, na extensão ou no fim das longas vias paralelas ao rio Jaguaribe e Salgado. Em específico, a Igreja Mariz de Nossa Senhora da Expectação do Icó voltava-se para o rio Salgado. As construções constituíram verdadeiros pontos focais de perspectivas no incipiente traçado urbano.

Alcançava-se a Vila de Santa Cruz do Aracati proveniente do sertão pelo sul, acompanhando o rio Jaguaribe. Logo após cruzar a praça principal, supostamente demarcada pelos portugueses, a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim abria a grande perspectiva da principal rua do núcleo, a atual Coronel Alexanzito. A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário estava situada na extremidade norte do traçado urbano, na atual rua Coronel Pompeu, paralela ao rio e à rua Coronel Alexanzito. Portanto, a igreja Matriz não foi implantada na praça fundacional do núcleo. Permaneceu onde outrora havia uma pequena ermida. Na extremidade sul da mesma via encontravam-se as igrejas do Rosário dos Pretos e dos Prazeres. As três estruturas religiosas delimitavam o futuro traçado da atual rua Coronel Pompeu. Na altura, a via ainda não se encontrava totalmente demarcada. O seu alinhamento era sugerido mais pela presença da arquitetura religiosa do que pelo próprio delineamento da via. O traçado do núcleo era balizado pelo seu paralelismo ao rio e pela localização dos edifícios da Igreja (Jucá Neto, 2012) (figura 07).

O mesmo ocorreu na Vila de Nossa Senhora da Expectação do Icó. Como sabemos, a vila organizava-se ao longo de três vias que corriam no sentido norte sul proveniente de Aracati, paralelas ao rio: a rua Grande, a rua do meio e a rua Larga. A Igreja do Rosário dos Pretos e a Igreja do Monte, situadas nos extremos norte e sul do adensamento urbano, constituíram-se como vetores de expansão da cidade. Entrando no Icó pela rua Larga, proveniente do Norte,

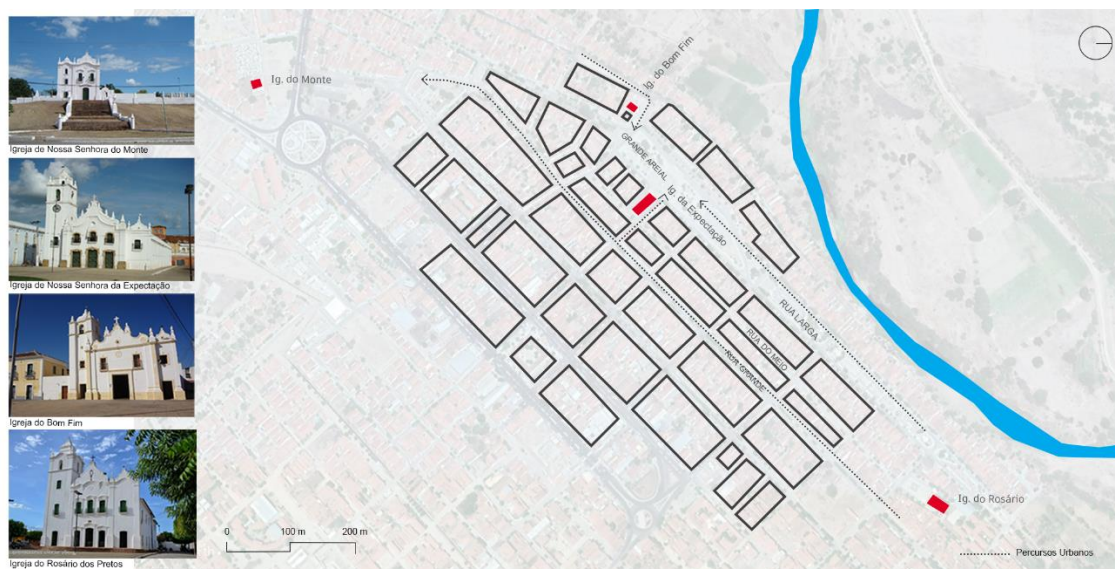
vindo do Aracati, tinha-se ao fundo uma grande explanada com a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação do Icó e a igreja do Bonfim. Na rua Larga, as duas estruturas religiosas marcavam o plano de fundo da chegada à vila. Ao adentrar no núcleo pela rua Grande, também oriundo do Aracati, o visitante encontrava o volume da Igreja do Rosário dos Pretos. O frontispício do edifício voltava-se para o núcleo. Na outra extremidade da rua Grande, distante da área construída do núcleo, achava-se a Igreja de Nossa Senhora do Monte. O frontispício da edificação, situada no alto de um elevado, voltava-se para a Vila. As duas igrejas estavam voltadas uma para a outra, tendo ao meio o espaço construído do Icó. As igrejas do Icó, estrategicamente situadas, costuravam uma teatralidade barroca no traçado do núcleo. De acordo com Castro, no Icó encontra-se o “único conjunto urbano de igrejas barrocas cearenses” (CASTRO, 1980, p. 87) (figura 08).

Figura 07. Vila de Santa Cruz do Aracati - Traçado e igrejas Matriz do Rosário, do Rosário dos Pretos e do Bonfim.



Fonte: Jucá Neto, 2012.

Figura 08 – Vila de Nossa Senhora da Expectação do Icó. Traçado e Igrejas do Monte, de Nossa Senhora da Expectação do Icó, do Bonfim e do Rosario do Pretos.



Fonte: Clovis Jucá (2012)

Na Vila Real de Sobral, o frontispício da Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição volta-se para serra de Meruoca. A edificação foi implantada de costas para o rio Acaraú. Nas margens do rio, na parte posterior da fachada epistolar da igreja, achava-se a gangorra, local de abate e pesagem da carne. O Igreja do Rosario do Pretos foi construída na extensão do caminho que tinha origem da Igreja Matriz em direção à Meruoca. Ou seja, tudo leva a crer que no caso de Sobral, a serra da Meruoca balizou o sentido do traçado urbano. A estrada que levava à serra húmida da Meruoca orientou a implantação do núcleo (figura 08).

Nas vilas de índios, a igreja matriz foi, invariavelmente, construída na praça fundacional do núcleo. Vale a atenção para a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Palma da Vila de Monte-mor o Novo da América. A edificação foi implantada no fundo da praça fundacional do núcleo, de costa para a serra de Baturité. Atrás da igreja, a escala e a exuberância do verde da serra, em contraste com a imagem do sertão que antecede a vila, valorizava a volumetria da construção com suas volutas rampantes encimando o frontão e sua relação com o espaço intraurbano.

Chegando-se à praça o que se via era o frontispício da igreja e aos fundos, a mata verdejante do Maciço de Baturité (figura 09).

Figura 08 – Vila Real do Crato – Traçado – Ig. N. S. da Conceição e Ig. N. S. do Rosário dos Pretinhos

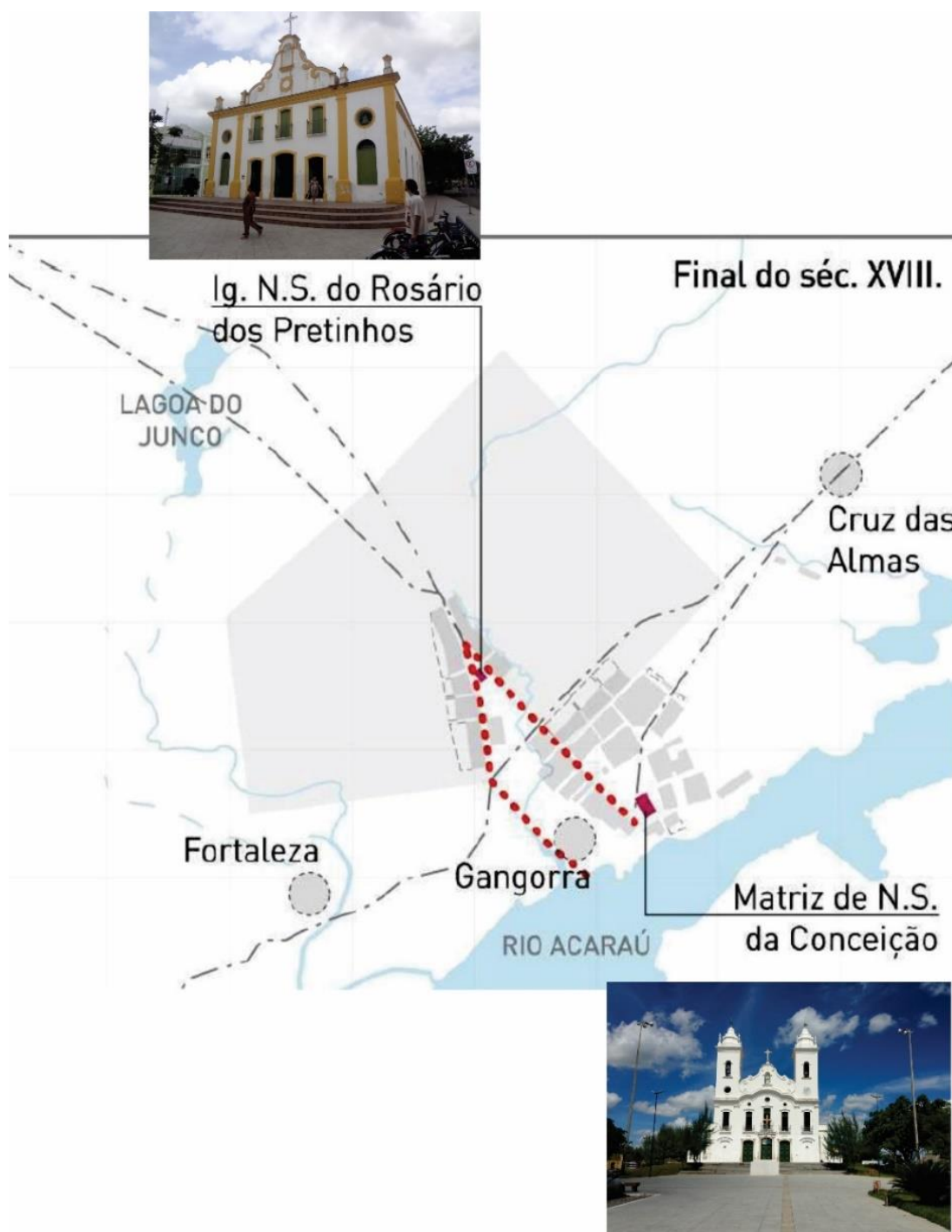


Figura 09 – Vila de Monte-Mor o Novo d’América. Traçado e Igreja Matriz de n. S. da Palma.



Fonte: Clovis Jucá, 2012

A GUIA DE CONCLUSÃO.

No processo de instalação das vilas portuguesas em território brasileiro, em nosso no Capitania do Ceará, observa-se a suprema atenção portuguesa quanto ao sítio de instalação das Vilas. A escolha do sítio de implantação não foi aleatória. Salta aos olhos a plena interrelação entre as preexistências naturais do sítio, o traçado urbano e o lugar de implantação da arquitetura religiosa. O contato das diretrizes urbanísticas portuguesas, elaboradas em gabinete na distante Lisboa, com as determinações sociais e físicas locais – as preexistências naturais - atribuem sentido à diversidade dos traçados das vilas portuguesas.

Durante a fixação no território, foram escolhidos lugares que possuíam alguma importância econômica e geopolítica na conquista. A escolha não prescindia das preexistências naturais: baías, enseadas, rios, riachos, montanhas, vales. Também foram escolhidos sítios já ocupados pelos povos originários. No Ceará, o Estado português elevou à condição de vila, núcleos preexistentes em sítios outrora ocupados por povos originários e pelos primeiros colonizadores. As vilas foram fundadas às margens dos rios da Capitania, no sopé ou no alto das serras férteis. O sítio, enquanto base geográfica para implantação dos núcleos, é inquestionavelmente fator definidor da produção do traçado urbano no contexto português. Já os lugares de construção da arquitetura religiosa devem ser pensados em estrita sintonia com o traçado e as preexistências naturais.

REFERÊNCIA:

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão (1859 – 1861)** / Francisco Freire Alemão; organização e apresentação, Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, Francisco Régis Lopes Ramos, Kênia Souza Rios. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

CASTRO, José Liberal de. **Notas relativas à arquitetura antiga no Ceará**. Tese de Livre-Docência. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 1980.

GARDNER, George. **Viagem ao Interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 – 1841**. Trad. de Milton Amado, apresentação de Mario Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo. 1975.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. **Primórdios da Urbanização do Ceará**. Fortaleza: UFC/bnb. 2012.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. **Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense: algumas notas**. São Paulo: Anais do Museu Paulista, 2012a.

FERNANDES, Sérgio Padrão. O Traçado. O sítio e a forma da cidade; IN: **Cadernos MUrb. Morfologia Urbana. Os elementos urbanos**. Lisboa: Argumentum Edições. 2015.

KOSTER, Henry. **Viagens do Brasil**. Tradução, Comentários de Luis da Câmara Cascudo. 12ª ed. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora. 2003.

MENEZES, Luiz Barba Alardo de. Memória sobre a capitania independente do Ceará grande escripta em 18 de abril de 1814 pelo governador da mesma, Luiz Barba Alardo de Menezes. **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo XI. Fortaleza. 1897.

Rocha, Herbert de Vasconcelos. **CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO DESENHO URBANO DE SOBRAL : SÉCULO XIX** / Herbert de Vasconcelos Rocha. – 2017. 354 f. : il. color. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design, Fortaleza, 2017.